

Ensaio

Concepções de corpo operadas no campo da Educação Física: uma revisão narrativa¹

Conceptions of body operated in the field of Physical Education: theoretical essay on its relations with human health

Concepciones del cuerpo operado en el ámbito de la Educación Física: ensayo teórico sobre sus relaciones con la salud humana



Priscylla de Moraes Sousa

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil
priscylla.ufg@gmail.com



Ricardo Lira de Rezende Neves

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil
ricardo_neves@ufg.br

Resumo: Esta revisão narrativa buscou descrever e caracterizar os conceitos de corpo operados no campo da Educação Física brasileira. O material explorado indicou que os conceitos são apropriados de obras clássicas, ramificam-se e representam abordagens teóricas distintas que influenciam os conhecimentos, saberes e práticas. Os conceitos demonstram as divergências e contradições entre a dimensão natural e social, assim como a hegemonia do modelo biomédico no campo. O conceito de práticas corporais tem sido basilar para construir intervenções humanizadas e críticas com sujeitos e comunidades, considerando suas necessidades de saúde.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

Palavras-chave: corpo humano; práticas corporais; processo saúde-doença.

Abstract: This narrative review aimed to describe and characterize the concepts of body operated in the field of Brazilian Physical Education. The material explored indicated that the concepts are appropriated from classical works, branch out and represent divergent theoretical approaches that influence knowledge, know-how, and practices. The concepts demonstrate the divergences and contradictions between the natural and social dimensions, as well as the hegemony of the biomedical model in the field. The concept of body practices has been fundamental to build humanized and critical interventions with subjects and communities considering their health needs.

Keywords: human body; body practices; health-disease process.

Resumen: Esta revisión narrativa tuvo como objetivo describir y caracterizar los conceptos de cuerpo operado en el ámbito de la Educación Física brasileña. El material explorado indica que los conceptos se apropian de obras clásicas, se ramifican y representan enfoques teóricos divergentes que influyen en el saber, el saber hacer y las prácticas. Los conceptos demuestran las divergencias y contradicciones entre las dimensiones natural y social, así como la hegemonía del modelo biomédico en el campo. El concepto de prácticas corporales ha sido fundamental para construir intervenciones humanizadas y críticas con individuos y comunidades teniendo en cuenta sus necesidades sanitarias.

Palabras clave: cuerpo humano; prácticas corporales; proceso salud-enfermedad.

Submetido em: 2022-09-02

Aceito em: 2022-12-16

Introdução

Um mesmo conceito pode representar diferentes visões de mundo e variar conforme as bases teóricas utilizadas por distintos campos do conhecimento. Separavich e Canesqui (2010, p. 258), fundamentados em um olhar socioantropológico sobre a concepção de corpo, mostram “a modelagem cultural do corpo e de seus usos, sua dimensão simbólica e sua emergência na teia das relações e normas sociais e nas relações com o meio ambiente”. Ou seja, indicam que esta visão é diversificada e varia quanto ao espaço social, tempo histórico, cultura, grupos, gêneros e classes sociais, pois, para determinada concepção corporal, existe uma forma similar de intervir no processo saúde-enfermidade, com diferentes saberes e práticas. Em outro sentido, o corpo entendido como biológico rudimentar/simples, essência natural e universal, é uma construção da ciência positivista moderna e expresso nas várias racionalidades médicas ocidentais e orientais.

Le Breton (2016) tem defendido que as concepções de corpo ainda estão fortemente influenciadas pela dimensão das ciências biomédicas, da tecnologia e do mercado. Nesse aspecto, o corpo associa-se à ideia de uma máquina e está apartado da subjetividade e singularidade humanas.

No campo da Educação Física (EF), a professora Ana Márcia Silva (2014) – autora reconhecida neste debate – tem apontado que as concepções de corpo são históricas e, por isso, produto de interações sociais referenciadas na realidade concreta. Sendo assim, as construções históricas dos conceitos são norteadoras para a conformação de diferentes campos de saberes e intervenções profissionais. Conforme defenderam Neves e Assumpção (2017) para a EF na Saúde Pública, a formação em EF tem deixado de lado elementos teóricos conceituais fundamentais, em especial aqueles que consideram as demandas sociais e comunitárias, os contextos locais e as diversidades culturais. Este aspecto gera dificuldades, lutas e disputas no campo da intervenção profissional do Sistema Único de Saúde (SUS).

As abordagens sobre o corpo, cunhadas a partir de concepções tradicionais, como a biomédica, e concepções contra-hegemônicas, como as perspectivas críticas, seguem referências clássicas de áreas do conhecimento, tais como a biológica, psicológica, sociológica, filosófica, antropológica, entre outras. Esta revisão apresenta as perspectivas sobre o corpo, pois entende-se que elas mobilizam possibilidades analíticas no campo da EF concorrentes e em disputa no campo². A vasta e complexa conceituação de corpo necessita de investigações cada vez mais minuciosas, que estabeleçam relações entre os campos de saberes e práticas, o que contribui para ampliação e fortalecimento da literatura científica.

Então, com o objetivo de explorar os conceitos de corpo operacionalizados no campo da EF com viés socioantropológico, optamos, metodologicamente, por tecer reflexões através de uma revisão narrativa da literatura. Para uma interpretação ampla do tema, utilizamos, como instrumentos de coleta de dados, o levantamento bibliográfico por meio de uma seleção intencional de livros, capítulos de livros e artigos. Para desenvolvê-lo, foi usada a técnica de revisão narrativa, que favorece a construção de artigos em que os autores possam realizar análises e interpretações críticas mais amplas, possibilitando compreender o “estado da arte” de um determinado assunto, sob um ponto de vista teórico ou contextual. O rigor das revisões narrativas não está atrelado à busca exaustiva em bases de dados ou à vinculação do argumento narrativo à informação de fontes utilizadas, à exposição da metodologia para a busca das referências ou à apresentação dos critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos consultados (BERNARDO; NOBRE; JATENE, 2004; GIL, 2019; ROTHER, 2007).

Com o intuito de contribuir com o debate, objetivamos descrever e caracterizar as bases teóricas sobre os conceitos de corpo operadas no campo da Educação Física brasileira.

2 Bourdieu (1989) faz a defesa de que é necessário um entendimento de que o campo é sempre permeado por ideologias, valores, conhecimentos, comunicações e ações (estruturadas e estruturantes) que sempre possuem potencial valor de dominação ou de aceitação da dominação pelos agentes nas arenas, mesmo que sejam inconscientes, por força do *habitus*. Ainda demonstra como se estrutura a divisão do trabalho social, com os sistemas ideológicos estruturantes legitimadores das relações no campo. Para ele: “Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir” (BOURDIEU, 1989, p. 69, grifo nosso).

Alguns debates sobre as concepções de corpo no campo da Educação Física

A análise de parte da literatura selecionada para esta revisão permite inferir que há polissemia do conceito de corpo e que, incontestavelmente, as concepções estão associadas de diferentes formas à saúde. Ao caracterizar as concepções de corpo operadas no campo da EF, foi possível estabelecer aproximações e evidências da coexistência histórica entre estas temáticas, em um movimento que não é estático e nem imutável, mas que se constrói de variadas formas de relações com as concepções de saúde, exercício físico, atividade física e práticas corporais.

A primeira concepção descrita é a de corpo maquinário, para a qual a literatura revela que o trabalho no campo da EF, historicamente, foi entendido por desenvolver atividades de movimento corporal rumo à ordem, disciplina e repetição de técnicas preestabelecidas. O trabalho desconsiderava, na maioria das vezes, é claro, dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas, que constituem e determinam a vida dos sujeitos e suas formas de movimentar nas práticas da EF (BAPTISTA; VILARINHO NETO, 2014).

Diferentes autores indicam, como consequência desta abordagem no trabalho da EF, a racionalização do corpo no movimento e a sua utilização como instrumento de reprodução da realidade, desconsiderando, portanto, as possibilidades e dimensões criativas, subjetivas, pessoais e sociais do movimento (BAPTISTA; VILARINHO NETO, 2014; GONÇALVES; AZEVEDO, 2007; ORTEGA, 2008). Ou seja, as intervenções fundam-se apenas na dimensão biológica do sujeito. Nela, seria possível e prudente enquadrar os indivíduos nos padrões de normalidade e em equilíbrio orgânico, visto que o sujeito desequilibrado não contribuiria com a normalidade da sociedade, tornando-se uma ameaça.

A professora Carmen Lúcia Soares, em 2001, publicou a obra *Educação Física: raízes europeias e Brasil*, sendo então referência no debate sobre o corpo, visto que retrata os sistemas ginásticos eu-

ropeus e suas influências teóricas e práticas nas fundamentações das primeiras intervenções do campo da EF no Brasil (SOARES, 2001). Também criticou que estas concepções se centralizavam na busca exclusiva da educação do corpo físico através do entendimento centrado no modelo mecânico, disciplinar e biomédico. A centralidade das atividades tinha como foco as funções biológicas, explicitadas na educação e no processo civilizatório, enfim, ensinando o papel tradicional e determinista da vida na sociedade aos praticantes das atividades físicas, especialmente os esportes.

Evidencia-se, nessas produções do campo da EF, o conceito de corpo descrito por Zoboli (2012) como uma concepção hegemônica decorrente da Idade Moderna com René Descartes, fundada no desenvolvimento da mecânica para descrição do funcionamento do corpo. Em síntese, ao se apropriar da visão de Descartes, considera-se que a estrutura corpórea é composta de várias partes anatômicas, que são guiadas pela mente. Portanto, o corpo seria uma máquina biológica ocupada pela mente/alma, sendo esta dimensão determinante do ser humano. Na dualidade das dimensões opostas, o corpo é visto como objeto, maquinário, material, temporário e inferior; e a alma, prevalente sobre ele, caracterizada pela superioridade, imortalidade e divindade (ZOBOLI, 2012).

Como a imortalidade se associa à busca por padrões de normalidade, a classificação dos seres humanos como saudáveis objetivamente se relaciona à eficiência das funções biológicas e equilíbrio corporal. Dialogando sobre essa importante questão, Fiório (2008) diz que a pretensão do campo da EF consistia, em um primeiro momento, em disseminar hábitos higiênicos e disciplina com o intuito de alcançar a saúde e prolongar a vida da população por meio do corpo saudável e produtivo.

Outra concepção apresenta e debate o corpo como mediação para o consumo de mercadorias e produtos da saúde. Esta busca exacerbadamente a cura dos males do corpo. Centrada na medicalização, essa concepção corresponde à redução ou solução dos problemas e agravos dos sujeitos para a manutenção e desenvolvimento da sociedade capitalista. Para os autores do campo da EF,

o consumo alienado de produtos e medicamentos fortaleceria o complexo médico-industrial e médico-financeiro³.

O corpo como mediação de consumo alienado se manifesta no uso de produtos e artefatos para a prática corporal e em atividades físico-esportivas exigidas nos espaços de *fitness* (NEVES *et al.*, 2012). O alcance da saúde do corpo perpassaria o uso e consumo de mercadorias e produtos impostos pela sociedade como símbolos da saúde. Nesse cenário, desponta o mercado da supervalorização da aptidão física como superação do sedentarismo, das doenças e dos agravos do corpo. A EF seria então um novo remédio que favorece o enfrentamento do processo de adoecimento.

O debate sobre corpo e saúde na EF foi intensificado no início do século XXI. Assim, Palma (2001) refletiu sobre outros modos de olhar a relação entre a EF, o corpo e a saúde, em uma das revistas mais emblemáticas e reconhecidas do campo da EF brasileira, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE). Ele ressalta alguns reflexos de se encarar o corpo como consumidor de mercadoria, dentre elas a mercadoria “atividade física”. Destaca a exacerbação de técnicas de treinamento que caracterizam o objeto de estudo da EF como um produto inerente às estratégias capitalistas. A nosso ver, estes serviços/produtos carregam um discurso em busca do corpo saudável, entretanto, supervalorizam o nível físico centrado nos aspectos de estética corporal ou da juventude, saúde e beleza, como escreve Hugo Lovisolo (2006) no volume 2 do livro *Saúde em Debate na Educação Física*.

Essa forma mercadológica de ver o corpo e o movimento humano implica a descaracterização da necessidade de desenvolvimento de políticas públicas quanto ao direito constitucional ao lazer, ao esporte e à atividade física. O reflexo disso estaria no pressuposto de que poucos sujeitos podem ter acesso a eles, por serem das classes sociais mais ricas e, por isso, terem as condições de pagar pelo trabalho da EF, usufruindo e se beneficiando das práticas de movimento corporal.

³ Autores como Vianna (2002) e Mendonça e Camargo Júnior (2012) discorrem sobre o complexo médico-industrial/ financeiro (CMI/CMF). O conceito é considerado como um produto histórico e particular da evolução de saúde centrada na dicotomia dos interesses do capital e nos valores sociais.

Na mesma revista (RBCE), Carvalho (2001) debateu sobre a complexa compreensão dos aspectos inerentes ao corpo e à saúde das pessoas nesta sociedade, pois o corpo seria composto de subjetividades. O corpo e a saúde não seriam objetos, pois resultariam de possibilidades e condições de vida do “modo geral” (estrutura social) e, “em particular” (individualidades do sujeito). Nesses constructos, seria necessário incluir as dimensões do acesso a trabalho, serviços de saúde, moradia, alimentação, lazer, todos adquiridos por “direito ou por interesse” no transcorrer da vida. Combater a exclusão, o individualismo e a competitividade consumista seria então fundamental à EF (CARVALHO, 2001, p. 14).

Nessa mesma concepção da saúde como mercadoria, Carvalho (2006) e Luz (2012) evidenciam a manutenção do corpo saudável através dos chamados bons hábitos de vida. Sendo assim, o estilo de vida passa a ser fator decisivo para a determinação da condição de saúde dos indivíduos, o que desconsideraria outras mediações da estrutura social de grupos e classes e centraria as responsabilidades apenas no sujeito. O paradigma da culpabilização dos indivíduos considera o enfrentamento da doença, com a prática de atividades físicas e exercícios físicos, como processo isolado da vida, forjando uma apologia à condição física pela premissa da responsabilidade individual dos sujeitos por não “danificar” sua saúde (LUZ, 2012). Portanto, a atividade física passaria a ser um meio da vida ativa e saudável que, conforme Luz (2012), define uma propagação da *expansão de vitalidade* e aumento da longevidade. Neste aspecto, torna-se parte do saber médico uma determinada saúde-vitalidade relacionada com a estética e a conservação da juventude.

Outra dimensão teórica encontrada na literatura é o conceito de corpo relacionado à estética ou corpo ideal. Baptista (2012), ao abordar este tema, diz que o corpo precisa ser compreendido a partir do modo de produção e do seu contexto social. Diante dessa concepção, os sujeitos buscariam enquadrar-se em um padrão de corpo ideal difundido pela indústria cultural⁴. Essa seria

4 Adorno (2002) define indústria cultural como a massificação e padronização de atividades/produtos culturais voltados aos interesses econômicos. Assim, a cultura, como ocupação do tempo livre da classe operária, representa a manipulação de atividades de lazer e entretenimento com o foco na manutenção ideológica da classe dominante e acúmulo de capital/lucro.

ditada pelo modo de produção capitalista, que induz os sujeitos a atingir características estabelecidas como belas e saudáveis. Esses aspectos influenciariam e determinariam modelos de corpo para atender as exigências e os interesses do capital (BAPTISTA, 2012).

Na mesma linha de raciocínio, Gonçalves e Azevedo (2007, p. 203), ao discutirem a necessidade da ressignificação do corpo pela EF, apontam haver exaltação e culto ao corpo, pois se faz “um grande apelo e idolatria à imagem narcisista do corpo, que se traduz social e culturalmente nas instituições e nos discursos que nelas são produzidos”. Já Baptista (2012) ressalta que a exaltação de bons biotipos demonstrados pela indústria cultural efetiva a disciplina do corpo e consolida um modelo de beleza. Esta imposição de padrões de beleza atende às exigências sociais e difunde valores, normas e regras, a fim de reproduzir ideais de corpo e enfatizar o consumo para mantê-lo.

Em outras vertentes teóricas, identificamos debates e reflexões fundados na concepção de corpo objeto⁵. Baptista e Vilarinho Neto (2014) dizem que essa visão de corpo está intimamente relacionada com o “poder”. Propõem reflexões que “permitem pensar que o corpo está sujeito a uma série de processos de controle, os quais se apropriam do próprio corpo para obter domínio sobre a própria consciência” (BAPTISTA; VILARINHO NETO, 2014, n. p.). Ortega (2008) relaciona essa concepção com a ideia de construtivismo social ao afirmar que a construção e a maleabilidade histórica e social do corpo acontecem através do poder que o disciplinaria. Como a literatura tem demonstrado, essa disciplina seria a responsável pela fabricação de “corpos dóceis” manipuláveis. Corpos naturais em que o sujeito e sua dimensão da alma seriam produzidos pelos dispositivos disciplinares.

Amaral, Neves e Baptista (2022, p. 13), discutindo as relações de poder que envolvem o corpo, a saúde e a Educação Física, apontam as técnicas corporais e os saberes científicos utiliza-

5 Foucault (2005) discute a questão do controle do corpo como objeto. Para ele, existiria um poder disciplinar característico da sociedade capitalista ou burguesa. A disciplina seria um tipo de saber com força determinante de distribuição dos indivíduos e de seus corpos em um espaço individualizado, classificado e combinatório, nos quais diferentes formas de poder atravessam esse corpo na sociedade e o docilizam, tornando-o manipulável. Para o autor, este controle permite a sujeição dos corpos ao tempo, a um ritmo, com o objetivo de produzir mais e eficientemente. Existe, nesta relação, uma submissão do gesto, que só admite ser realizado através da elaboração temporal com características específicas das invenções da sociedade burguesa. O corpo e o movimento são determinados por uma disciplina vigilante própria desta sociedade do controle do corpo (FOUCAULT, 2005).

dos pelos profissionais da Educação Física quando estão sob a influência da dimensão do corpo objeto, provocando ações hegemônicas com técnicas racionalizadas constituídas como “únicas verdades, como cartilhas, protocolos, propagandas”. Isso naturaliza e normaliza o sujeito e seu corpo. No entanto, apresentam que a EF vem construindo, historicamente, movimentos contra-hegemônicos centrados na construção da “liberdade, da autonomia e da descoberta” (AMARAL; NEVES; BAPTISTA, 2022, p. 13). Esses são contrários, portanto, a uma modelagem do corpo, aos padrões de aulas, modismos e interesses relacionados às hegemônias do modelo biomédico⁶.

Consequentemente, os efeitos dessa relação de poder, exercida sobre o corpo, agirão no âmbito físico/material. Nessa perspectiva, o corpo é visto como uma construção simbólica permeada por forças disciplinares externas a ele. O ponto central desse debate indica que o corpo consistiria em objeto que se relaciona com a utilidade corporal no capitalismo. Esse modo de produção exigiria um corpo trabalhador cada vez mais produtivo e econômico.

Por outro lado, encontramos, na produção do campo da EF, a discussão do corpo em relação à cultura, apresentando-se como decorrente da relação com o meio social em que vivem os sujeitos. Daolio (2018) defende que a tematização sobre o corpo, depois das explicações predominantes da visão biomédica, tem acrescido diálogos a partir da Antropologia Social, Sociologia, Ciência Política, entre outras. O corpo passa a ser considerado uma construção social que se concretizaria pela cultura, a fim de emergir o ser na sua totalidade. A mediação entre a consciência e o social considera a cultura como a difusora dos significados e simbolismos do corpo em diferentes momentos históricos, especialmente quando intrinsecamente realizados nas atividades físicas e no esporte. Esse autor centrou seus estudos nas “técnicas corporais”, classificando que as diferentes manifestações corpo-

⁶ O modelo biomédico relaciona-se a uma “intromissão desmesurada da tecnologia médica” (BARROS, 2002, p. 77) nas intervenções em saúde. Considera a doença como de ordem fisiológica e desconsidera outras dimensões do adoecimento como a socioeconômica. Mostra que a centralidade da clínica, o uso de técnicas e a aplicação de inovações tecnológicas não necessariamente estão ligadas aos problemas de saúde que visam mais gerar lucro do que realmente resolver o problema de saúde (BARROS, 2002).

rais traduzem a sociedade e sua cultura através do próprio corpo e seus movimentos. Relacionando as técnicas corporais com os diversos aspectos sociais, é nítido que a transmissão de saberes, carregada por gerações a partir da tradição corporal, caracteriza o corpo como fato social e não puramente biológico, fruto da interação natureza e cultura.

Gonçalves e Azevedo (2007) debateram a concepção de corpo cultural relacionada às intervenções fundadas na concepção de Práticas Corporais⁷. Esse constructo representa outro olhar na ação de movimentar-se, indicando estar na contramão das intervenções e abordagens biofisiológicas. O campo da EF começa a operar com esse conceito por volta dos anos 2000 e aparece mais nos estudos sobre a saúde pública (LAZZAROTTI FILHO *et al.*, 2010). O termo emerge contrapondo-se às ideias exclusivas do modelo biomédico (atividade física e exercício físico) e têm se construído de maneira crítica e abrangente, especialmente na relação EF, corpo, cultura e saúde.

Para Silva *et al.* (2009, p. 20), as práticas corporais estariam relacionadas às atividades expressivas ou a movimentos da linguagem corporal tematizados pela EF, expressando “fenômenos que se mostram, prioritariamente, em âmbito corporal e que se constituem como manifestações culturais. Essas manifestações são compostas por técnicas corporais e é uma forma de linguagem, como expressão corporal”.

O termo práticas corporais foi também utilizado nos Cadernos de Atenção Básica, especialmente nas Diretrizes do NASF, e tem relação com o olhar das ciências humanas e sociais para o corpo. Nesse documento, as ações da EF precisam estimular a consciência, a liberdade, a aceitação das diferenças, a totalidade e a integralidade do movimento para desenvolver a promoção à saúde e a humanização dos serviços de saúde (BRASIL, 2009). O glossário temático de promoção da saúde, elaborado pelo Ministério da Saúde, define práticas corporais e complementa com duas notas. Nele, práticas corporais são:

⁷ Termo inserido recentemente no vocabulário do DeCS.

Expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindo do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático (na escola) ou não sistemático (tempo livre/lazer). Notas: i) Manifestações da cultura corporal de determinado grupo que carregam significados que as pessoas lhe atribuem, e devem contemplar as vivências lúdicas e de organização cultural. ii) Existem várias formas de práticas corporais: recreativas, esportivas, culturais e cotidianas. (BRASIL, 2012, p. 28).

Em todos esses conceitos é possível observar a ampliação das possibilidades de intervenção profissional da EF, especialmente como forma de ver, organizar e vivenciar o movimento corporal, que considera o corpo por inteiro, a multidimensionalidade do corpo e visa à totalidade do ser através da compreensão da subjetividade. Tudo isso fortaleceria a intenção de proporcionar ações significativas aos sujeitos da prática. Silva (2014) e Lazzarotti Filho *et al.* (2010), ao analisarem o conceito “práticas corporais” na literatura brasileira, compreendem que sua utilização tem sido incorporada gradativamente entre os pesquisadores e que ele vem adquirindo consolidação acadêmica na estruturação e aceitação do conceito. Para eles, as diversas definições do termo são plurais e estão vinculadas a elementos culturais e à subjetividade. Também são expressas através do corpo como forma de linguagem, além de envolver aspectos pessoais, como a emoção, os sentimentos e o relacionamento, que trazem, junto a si, atributos de significações sociais.

Se as ações da EF forem focadas na promoção da saúde, como apresentado anteriormente, seria necessário, prudente e desafiador veicular as dimensões de humanização, autonomia e cuidado em saúde. O campo da saúde coletiva, com seus princípios, saberes e práticas, na visão de Carvalho (2006), auxiliaria a EF a ampliar significados às formas de intervenção, tendo como princípio a análise das necessidades sociais de saúde das populações e dos modos de vida no modo de produção social.

Para Lazzarotti Filho *et al.* (2010), a intervenção centrada nessa compreensão coloca em evidência suas múltiplas dimensões do corpo, considerando, além da dimensão biológica, a subjetividade do sujeito, a fim de propiciar uma junção dos sentidos e abrir espaço para possibilidades de interlocuções entre as ciências biológicas/exatas com as ciências humanas/sociais. Para isso, veicular as dimensões de humanização, autonomia e cuidado seria um dos desafios a serem enfrentados no campo. Contribuiria assim com a ampliação dos significados e formas de intervenção através das manifestações culturais, tendo em vista as dimensões de sentir, experienciar e construir significados do corpo por meio do movimento e da gestualidade. Poderia ainda estruturar intervenções e propostas que considerassem o indivíduo com sua bagagem histórico-social e repertório pessoal.

Outra abordagem crítica e ampliada que encontramos se aproxima do debate das práticas corporais, destacando o conceito de corpo visto como consciência. A visão teórica dos autores do campo da EF está baseada na subjetividade. Baptista e Vilarinho Neto (2014) e Zoboli (2012) relatam que a centralidade sobre o corpo teria a finalidade de entender o sujeito através das suas visões, experiências e relações com o mundo. Os autores refletem que corpo na EF não deveria ser entendido como corpo-objeto fragmentado, mas sim como corpo-sujeito, que se constrói através de sua experiência e subjetividade, ou seja, não sustentado na dissociação corpo/alma, o que evidencia a totalidade do ser humano.

Ao debater uma perspectiva sociológica de corpo, Baptista (2012) considera que a relação entre corpo e natureza pode ser compreendida através da categoria trabalho. Conseqüentemente, a consciência humana seria advinda do contato (metabolismo) entre sujeito e natureza. Isto é, só seria possível entender o corpo a partir do que é externo a ele, de suas relações e produções sociais para produzir elementos que atendessem às necessidades humanas, inclusive nas condições de saúde que são, sob esse ponto de vista teórico, determinadas pelas condições de classes sociais de cada sujeito e grupo. O sistema de organização social não seria natural e

provocaria processos deterioradores da saúde, como aponta Breilh (2006). Assim, o corpo, diante dos elementos externos, se influencia e se modifica. É individual e social, sujeito em sua totalidade.

Este importante debate sobre corpo, travado na EF, demonstra o papel fundamental desses profissionais na formação do sujeito e no exercício da liberdade através das suas práticas da cultura esportiva ou corporais, direcionadas em diferentes espaços do mundo do trabalho. Essas práticas estão relacionadas à realidade social e, inclusive, imbrincadas a modelos explicativos da saúde, sendo, por isso, ao mesmo tempo legitimadoras das intervenções desse campo profissional.

Considerações Finais

A literatura narrada neste estudo mostra a complexidade da relação entre as concepções de corpo e o campo da EF, porque está relacionada à formação que pratica o movimento no esporte e em outras áreas. Indicou ainda que os conceitos se ramificam e representam abordagens teóricas diferentes e divergentes que influenciam os conhecimentos, saberes e práticas do trabalho da EF.

As críticas à hegemonia do modelo biomédico ficaram evidentes, visto que o movimento corporal não se reduz a alterar as demandas energéticas do corpo para alcançar respostas anátomo-fisiológicas. Todavia, nessa perspectiva, os constructos *atividade física* e *exercício* ganham notoriedade. Ao evidenciarem os aspectos estéticos e físicos, condicionam a responsabilidade aos sujeitos por seus hábitos de vida, desconsiderando, portanto, dimensões sociais e culturais que determinam as subjetividades.

Em outro sentido, destaca-se o conceito de práticas corporais como forma de ampliar o olhar, saberes e práticas da EF para aspectos sociais, antropológicos, políticos, entre outras dimensões dos sujeitos e de suas condições de vida nas atividades orientadas pelos profissionais. A subjetividade, a criatividade, a liberdade, a arte, a cultura, entre outros aspectos, passam a ser fundamentais no planejamento e na realização das ações relacionadas ao movimento humano.

As práticas corporais têm sido uma estratégia em saúde para construir formas humanizadas e críticas de intervenção com sujeitos e comunidades, considerando o cuidado com a saúde humana, sobretudo nos espaços da Atenção Básica do SUS. Neste caso, o corpo é visto na contramão de abordagens teórico-metodológicas de ensino dos movimentos mecânicos, repetitivos, racionais, mercadológicos, estéticos, entre outros.

Este ensaio não pretende esgotar o debate sobre o corpo, mas demonstrar como os conceitos fundamentais na determinação das condições da vida humana, que são utilizados pela profissão EF, estão sendo empregados historicamente dentro das produções científicas. O corpo, em uma visão crítica, possui uma dimensão orgânica caracterizada pelos elementos materiais e anatômicos, e ao mesmo tempo sofre influências culturais e subjetivas que o determinam. Ampliar esse debate teórico fortalece a possibilidade de delinear novos estudos e superar as pesquisas e intervenções fundamentadas exclusivamente no modelo tecnicista, fragmentado e positivista das ciências naturais em diferentes espaços de intervenção profissional.

Referências

ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos: Jorge Mattos Brito de Almeida. Tradução: Juba Elisabeth Levy. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AMARAL, L. C.; NEVES, R. L. R.; BAPTISTA, T. J. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas e aproximações com o corpo, saúde e Educação Física. **Praxia**, Goiânia, v. 4, e2022005, maio 2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/12592>. Acesso em: 30 ago. 2022

BAPTISTA, T. J. R. Da disciplina do corpo e Educação Física: notas para entender algumas relações sociais. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 4, p. 821-1113, out./dez. 2012. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/15746>. Acesso em: 30 ago. 2022

BAPTISTA, T. J. R.; VILARINHO NETO, S. O corpo em relação: uma possibilidade de organização. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, Argentina, año 18, n. 189, feb. 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd189/o-corpo-em-relacao-uma-organizacao.htm>. Acesso em: 30 ago. 2022.

BARROS, J. A. C. Pensando o processo saúde-doença: a que responde o modelo biomédico? **Saúde & Sociedade**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 67-84, 2002.

BERNARDO, W. M.; NOBRE, M. R. C.; JATENE, F. B. A prática clínica baseada em evidências: parte II – buscando as evidências em fontes de informação. **RAMB**, São Paulo, v. 50, n.1, p.1-9, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302004000100045>. Acesso em: 30 ago. 2022.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: Difel, 1989.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Diretrizes do NASF**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde.

Glossário temático:

promoção da saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012.

BREILH, J. A saúde corresponde essencialmente à ordem individual-subjetiva-contingente ou à ordem coletiva-objetiva-determinada. *In*: BREILH, J. **Epidemiologia Crítica**: ciência emancipadora e interculturalidade. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 44-48.

CARVALHO, Y. M. Atividade física e saúde: Onde está e quem é o “sujeito” da relação? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 9-21, jan. 2001. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/409>. Acesso em: 30 ago. 2022.

CARVALHO, Y. M. Saúde, Sociedade e Vida: Um olhar da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 27, n. 3, p.153-168, maio 2006. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/80>. Acesso em: 30 ago. 2022.

DAOLIO, J. **Educação Física e o Conceito de Cultura**: polêmicas do nosso tempo. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

FIÓRIO, R. F. Educação Física: paradigmas e desafios. *In*: HUNGARO, E. M. **Educação política e esporte**: apontamentos críticos: 5 anos de pesquisa do Observatório de Políticas Sociais de Educação Física, Esportes e Lazer do Grande ABC/GEPOSEF. Santo André: Alpharrabio, 2008. p. 123-142.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GONÇALVES, A. S.; AZEVEDO, A. A. A re-significação do corpo pela Educação Física Escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 201-219, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/1083>. Acesso em: 30 ago. 2022.

LAZZAROTTI FILHO, A. *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/9000>. Acesso em: 30 ago. 2022.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo**. Tradução: Fábio Creder Lopes. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

LOVISOLO, H. Em defesa do modelo JUBESA (Juventude, Beleza e Saúde). *In*: BAGRICHEVSKI, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A.; ROS, M. (org.). **A saúde em debate na educação física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. v. 2. p. 156-175.

LUZ, M. T. **Novos saberes e práticas em Saúde Coletiva**: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MENDONÇA, A. L. O.; CAMARGO JÚNIOR, K. R. Complexo médico-industrial/financeiro: os lados epistemológico e axiológico da balança. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 215-238, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/7glmtgzjNBykpL9hvV3Q6pj/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2022.

NEVES, R. L. R.; ASSUMPCÃO, L. O. T. Formação e intervenção profissional em saúde pública: percepções de profissionais de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 201-212, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.65321>. Acesso em 30 ago. 2022.

NEVES, R. L. R. *et al.* Do complexo médico financeiro à indústria do *welness*. *In*: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE MEDICINA SOCIAL E SAÚDE COLETIVA, 12., 2012, Montevideu. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2012.

ORTEGA, F. **O corpo incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PALMA, A. Educação física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 23-39, jan. 2001. Disponível

em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/410>.
Acesso em: 30 ago. 2022.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, abr./jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid+S0103-21002007000200001. Acesso em: 10 nov. 2022.

SEPARAVICH, M. A.; CANESQUI, A. M. Girando a lente socioantropológica sobre o corpo: uma breve reflexão. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 249-259, jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902010000200003>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SILVA, A. M. Entre o corpo e as práticas corporais. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v.10, n.1, p. 5-20, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9228>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SILVA, A. M. *et al.* Corpo e Experiência: para pensar as práticas corporais. In: FALCÃO, J. L. C.; SARAIVA, M. C. (org.). **Práticas Corporais no Contexto Contemporâneo: (In)Tensas Relações**. 1. ed. Tubarão: Copiart Editora, 2009. p. 12-29.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

VIANNA, C. M. M. Estruturas do sistema de saúde: do complexo médico-industrial ao médico-financeiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 375-390, jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/DyW5GhzMCP7Vq3pcZ8JpkdK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2022.

ZOBOLI, F. **Cisão corpo mente: espelhos e reflexos na práxis da educação física**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2012.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.